

A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DE DAIANE DOS SANTOS NOS JOGOS OLÍMPICOS DE ATENAS 2004

MEDIATIC CONSTRUCTION OF DAIANE DOS SANTOS AT THE ATHENS 2004 OLYMPIC GAMES

Gustavo Roese Sanfelice*

RESUMO

A figura de uma menina pobre, negra e campeã mundial de ginástica artística é ofertada para as mídias. Daiane dos Santos, brasileira e midiática pelo resultado do campo esportivo chega aos Jogos Olímpicos de Atenas/2004 como grande favorita ao ouro olímpico. O ouro não veio e a “gauchinha de ouro” foi recontextualizada a partir de mapas de significado distintos dos jornais Zero Hora e Folha de São Paulo. Essas distinções são o foco deste texto e evidenciam os enquadramentos dos dois veículos a partir das especificidades regionais e nacional.

Palavras-chave: Esporte. Mídia. Ginástica.

INTRODUÇÃO

Uma jovem mulher de pequeno porte, pobre e negra, do Extremo Sul do Brasil, desencadeia visibilidade a uma modalidade esportiva de, até então, restrita mobilização nacional: a ginástica artística. A cada pódio de competições mundiais que conquistava, em coreografia embalada pela canção “Brasileirinho”, Daiane dos Santos ascendia na condição de estrela midiática. Inicia-se todo um processo de agendamento que culmina nos Jogos Olímpicos de Atenas, nos quais havia chances concretas de a atleta proporcionar ao Brasil uma inédita medalha de ouro na ginástica artística. A cobertura da mídia é intensa e o país praticamente para, acompanhando ao vivo, pela televisão, a *performance* de Daiane. Ela tropeça, fica em quinto lugar e toda a construção de heroína nacional que lhe é imposta começa a ser reconfigurada.

Mesmo que a televisão centralizasse o agendamento do percurso da atleta, os jornais classificados como de referência entraram no entusiasmo midiático em torno dela com lógicas e operações próprias. A Zero Hora, principal jornal do Rio Grande do Sul, e a Folha de São Paulo, um dos mais importantes do país, realizaram, cada qual a seu modo,

cobertura volumosa sobre a participação de Daiane nos Jogos Olímpicos.

Como, até então, o Brasil não tinha tradição na prova de ginástica artística, a figura de Daiane dos Santos materializou a condição do Brasil de conquistar uma medalha, deflagrando a uma rede simbólica de significados derivados da conquista do ouro, o dominador frente ao dominado, a “Nação no lugar mais alto do pódio”, figura enunciativa, muitas vezes elegida como *gran finale* pela mídia. O dominador frente ao dominado refere-se às práticas enunciativas utilizadas pelas mídias nas coberturas esportivas. Como exemplos podemos citar: o Primeiro Mundo *versus* o Terceiro; capitalistas *versus* socialistas, Europa *versus* Américas, etc. Essa construção discursiva dos mídias acaba influenciando a dinâmica do próprio campo esportivo. Nesse aspecto, citamos o quadro de medalhas nos Jogos Olímpicos, como uma proposição midiática, pois o Comitê Olímpico Internacional não utiliza nenhum tipo de classificação dessa natureza.

A prova olímpica em questão foi individual, proporcionando a objetivação da representação em uma atleta, não em uma equipe, uma coletividade, que em princípio daria a ideia de Nação e pluralidade. Nesse sentido, a vitória representaria para a atleta

* Professor Titular da Universidade Feevale/Novo Hamburgo/RS/Brasil.

um *status* de heroísmo, muito em função do estar “sozinho”, defender a Nação a partir da individualidade. Daiane dos Santos ofertou-se como representante dos símbolos nacionais, com as cores da bandeira brasileira em seu uniforme e a tradicional música “Brasileirinho”, chorinho que deu o ritmo da sua coreografia.

Interessa-nos pesquisar como se deu o discurso oficial da grande imprensa em relação a um fenômeno de tamanha importância social, cultural e econômica, o esporte, e ainda como a Zero Hora e a Folha de São Paulo articularam seu discurso na cobertura para que seus leitores compreendessem a ginástica artística, modalidade que foi disputada pela atleta Daiane dos Santos e à qual a maioria da população não tinha acesso via mídias, haja vista a inexpressiva cobertura esportiva realizada, se comparada àquela dedicada aos esportes massivos, como o futebol. Em uma pesquisa realizada em 1999, identificou-se que 82,55% do programa Esporte Total da Rede Bandeirantes eram destinados à veiculação do futebol e que o GLOBO ESPORTE dedicava 67,28% de sua programação ao referido esporte (SANFELICE; CARVALHO, 2000).

A partir desses elementos contextuais, apresentamos duas questões norteadoras do presente texto: Que enquadramentos essas publicações, dadas as suas especificidades, produziram nessas coberturas? Quais os mapas de significado construídos por conta das singularidades dessa atleta?

MÉTODO

O *corpus* foi coletado nos dias 24 (dia após a prova da final do solo) e 25 de agosto de 2004, durante a realização dos Jogos Olímpicos de Atenas/2004. Os jornais selecionados foram a Folha de São Paulo e Zero Hora (ZH), os quais são editados diariamente e enviaram jornalistas para fazer a cobertura dos jogos em Atenas. Consideramos essencial esse fato, na medida em que denota uma construção da notícia *in loco*, o que possibilitou um enquadramento da produção em relação ao contexto sociocultural dos leitores.

A identificação dos mapas de significados pelos dois jornais deu-se a partir dos textos jornalísticos, das fotos, das legendas, dos títulos, das linhas de apoio (fragmentos de registro), enfim, de tudo que representou a cobertura da brasileira Daiane dos Santos. Foram consideradas as capas e contracapas dos dois jornais, bem como dos suplementos especiais de cobertura dos Jogos Olímpicos de Atenas/2004 e caderno de esportes. Os mapas de significado representam que as coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo; mas não se deve permitir que tais acontecimentos permaneçam no limbo do “aleatório” – devem ser trazidos aos horizontes do “significativo”. Este trazer de acontecimentos ao campo dos significados quer dizer, na essência, reportar acontecimentos invulgares e inesperados para os “mapas de significado” que já constituem a base do nosso conhecimento cultural, no qual o mundo social, já está “traçado”. “A identificação social, classificação e contextualização de acontecimentos noticiosos em termos destes quadros de referência de fundo constituem o processo fundamental através do qual os *media* tornam o mundo a que fazem referência inteligível a leitores espectadores” (HALL et al., 1999, p. 226). Os fragmentos de registro foram analisados pela lógica da construção da notícia dos referidos jornais por dia, e também relacionados com o período do recorte (dias 24 e 25/08/2004 após a prova da final do solo, durante a realização dos Jogos Olímpicos de Atenas/2004). Com isso, foi construído o mapa de significados destas publicações sobre a participação de Daiane, alinhados com os enquadramentos semânticos estabelecidos para cada matéria, título, linha de apoio, foto - enfim, tudo que sistemicamente teve relação com a construção da participação de Daiane dos Santos nos Jogos olímpicos de Atenas 2004, nos jornais de referência, com base nas Teorias da Construção da Notícia (TRAQUINA, 1999). Os enquadramentos (frames) na obra de Goffman referem-se aos princípios básicos de organização social da experiência de uma situação social que regulam definições dessas ações sociais e o envolvimento dos atores com elas, e assim, são as premissas que sustentam a definição social de uma

atividade, tanto na própria atividade quanto no alinhamento mental dos participantes (GASTALDO, 2004). A descrição dos dados se constitui de forma descritivo-narrativa, com a transcrição dos fragmentos de registro.

A BAIXINHA DE “OURO”!?

Daiane dos Santos, brasileira, gaúcha, negra, pobre, baixa, mulher: este é o conjunto de características que se credenciam como oferta de sentidos trabalhados pelos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora. A exuberância de seus movimentos e os resultados conquistados anteriormente à disputa dos Jogos Olímpicos de Atenas/2004 aproximaram Daiane dos brasileiros e gaúchos. Essa proximidade é construída via campos dos *media*. Transbordando a ordem da ação dos sujeitos (práxis social) e, conseqüentemente, a ordem do discurso midiático, Daiane, através do esporte, torna-se midiaticizada. Os *media*, além de definir quais os acontecimentos que merecem sua atenção, para Hall et al. (1999), eles também vão oferecer poderosas interpretações de como compreender esses acontecimentos.

Os jornais em questão, além das especificidades editoriais, tornam-se díspares nos enquadramentos e, conseqüentemente, na configuração dos mapas de significados. O grande acontecimento, a vitória de Daiane dos Santos, foi previamente agendado e tematizado nos referidos jornais. Conforme os fatos foram se delineando, desde a preparação de Daiane para os Jogos até a classificatória e a final olímpica, os frames foram alterando-se em função de novos fatos que vinham à tona.

Alguns fatos ocorridos previamente ao período de análise são recorrentes na cobertura dos dois jornais, como, por exemplo, as conquistas anteriores de Daiane dos Santos, campeã mundial e líder do *ranking* internacional, como também a sua operação no joelho direito. Esses dois fatos são significados em diversos frames, ou seja, as estruturas reconhecidas pelos leitores dos jornais são alinhadas a diferentes contextos. Neste sentido, os mapas de significado tornam-se um conjunto de frames de um mesmo acontecimento.

O QUASE “OURO” DA BAIXINHA

No dia 24 de agosto de 2004, ZH é remissiva ao que não aconteceu. O jornal contextualiza, explica tecnicamente, projeta o futuro de Daiane por ela mesma, não busca culpados, propõe benevolência e memória em relação a Daiane - tudo isso na capa do jornal e caderno especial e mais cinco páginas internas do caderno referido.

O caminho trilhado pelo mapa do dia anterior não deu certo, Daiane não conquistou o ouro. Os frames estabelecidos no dia anterior são ressignificados. A gauchinha não ganhou o ouro, mas a “Gauchinha de ouro, sim” (título das páginas seis e sete). E ainda termina de “Cabeça erguida” (título da capa do caderno especial Atenas/2004). Daiane, mesmo perdendo o ouro, para ZH ainda tem seu valor (ouro), pois é daqui, e segundo a legenda da foto que representa o título citado acima: “Daiane errou em sua apresentação, terminou em quinto lugar no solo, mas fez história como melhor ginasta do país em olimpíadas”. Na capa do caderno especial, a gauchinha, mesmo perdendo, terminou de cabeça erguida. As duas capas demonstram referência a Daiane.

Simbolicamente, Daiane obteve uma vitória: a de fazer o país discutir ginástica. ZH procura reenquadrar o resultado de Daiane (5º lugar), sendo que o tom é o seguinte: Daiane fez, não a esquecemos por aquilo que ela não fez. A rota é redefinida, muda o rumo, porém os elementos contextuais são preservados. Há uma reaproximação discursiva em função de um fato que, para Mouillaud (2002), são ações sociais configuradas pela definição de situação e enquadramentos do momento da ação. O fato serve de envelope para a experiência, que se transformou em um acontecimento que é móvel; trata-se de um fragmento extraído de uma totalidade que por si só não pode ser compreendida, necessita de uma moldura, um enquadramento. Essa moldura, para Mouillaud (2002), isola um fragmento da experiência, separa-o de seu contexto e permite sua conservação e o seu transporte. Acontecimentos são construções discursivas a partir das experiências sociossimbólicas dos sujeitos ou de um sistema determinado, por exemplo, o midiático. Não há vitória, ouro, heroína (herói é aquele que vence), ou seja, não há o espetacular,

mas sim, um resultado do campo esportivo que precisa ser trabalhado pelo campo dos *media*.

Os atores eleitos anteriormente como copartícipes da vitória de Daiane são chamados à baila por ZH. Acima do título é apresentada a fala da técnica que orientou Daiane nos primeiros passos (Adriana Alves): “Ela está de parabéns. Vai continuar sendo para todos nós, uma grande estrela” (p. 6). Na página 7, fala de Oleg (treinador de Daiane): “Ela errou na 1ª linha e errou na 2ª. Aí acabou tudo”. Para Adriana ela continua sendo, para Oleg acabou. São falas remissivas a lugares diferentes: a objetividade do técnico diante do resultado e a emotividade da primeira treinadora.

Na página seis, Mário Marcos de Souza escreve um texto com o seguinte título: “Uma vencedora”. O tom do texto é de valorização da figura de Daiane. Ele comenta que o Brasil costuma virar as costas para seus ídolos, e isso não seria justo com ela. Em função de Daiane, o país começou a falar de ginástica com ares de entendido: a imagem de fortaleza física e mental da menina que saiu de um bairro pobre e driblou as dificuldades da vida.

Ainda, Mário utiliza simbolicamente a figura da dominação/reverência ao escrever que “O mundo inclina-se diante dela em sinal de humildade e de reverência” (página 6, 24/082004). Para Mário, foi ela que, com sua força, colocou-nos no mapa da ginástica mundial, levando o Terceiro Mundo para o pódio (relativo aos fatos anteriores à disputa). Seguindo a descrição do texto de Mário quando relata que, no aquecimento, Daiane, aquela ginasta de 1,45m de altura, foi convidada por um atleta canadense – portanto do Primeiro Mundo - a bater uma foto com ele. Ficará a imagem de uma brasileira típica. Qual brasileiro não se emocionou com a cena? Mário finaliza seu artigo pedindo que agradecêssemos a Daiane. O País tem mesmo esta dívida com ela.

A dominação/reverência aconteceu muito mais em função do que Daiane havia conquistado antes da final Olímpica. Mário usa a simbologia da dominação do Primeiro Mundo em relação ao Terceiro para justificar nossa dívida com Daiane!? Ou, então, qual seria a dívida dos brasileiros para com ela? Mário promove uma troca de papéis em função de outro frame: seus resultados anteriores e a

reverência do ginasta canadense. A situação necessitava de um novo frame, mesmo que construído anteriormente. Mário, em sua narrativa, “vira o jogo” para Daiane. Passamos de credores a devedores. Diante da quantidade de brasileiros que têm destaque internacional e são reverenciados pelo mundo sem o merecerem, Daiane merece estar na mídia, sendo seus saltos veiculados para todo o mundo, principalmente via TV.

No mesmo significado do texto de Mário Marcos, ZH publica na página 07 sua “Opinião”. Título: “Mais do que ouro”. A matéria fala que a gauchinha Daiane dos Santos ficou em 5º lugar e que só isso mereceria comemoração num país que dá pouca atenção ao esporte que ela pratica. Também comenta a expectativa demasiada em torno da menina pobre que se tornou uma atleta de elite numa idade avançada para a modalidade; entretanto, quem agendou esse possível resultado foram as mídias, logicamente baseadas no contexto.

Daiane tinha o peso de um país inteiro nas costas, talvez a razão para o pequeno desequilíbrio que a afastou do pódio. Essa figura discursiva que ZH propõe é quase uma “*mea culpa*” em função das matérias do dia anterior. Os brasileiros saltaram com Daiane e o sobrepeso a derrubou. Quem colocou os brasileiros em seus ombros e o fez justamente na hora de seus saltos? Ao criar uma expectativa sobre seu resultado, a mídia a derrubou.

ZH afirma que a atleta saiu digna e altiva do desafio que não conseguiu superar. Destaca que ela já superou desafios maiores, como o da lei da gravidade (seu salto DOS SANTOS). “Daiane merece o reconhecimento dos brasileiros, porque ela própria é um milagre da superação e a superação vale mais do que ouro (Zero Hora, 24/08/2004, página 07).” Essa construção discursiva segue a mesma lógica de Mário Marcos, trocando o foco e os papéis. O papel que ela estava desempenhando na disputa era o de atleta, figura relativa ao herói. A figura humana de Daiane foi quem superou a pobreza e a idade - enfim, foi quem perdeu, pois ela não conseguiu superar seus próprios limites. O herói supera tudo, o humano tropeça nos seus limites.

Na página oito, no mesmo dia (24/08/2004), ZH, didaticamente explica, por meio de fotos dos saltos de Daiane, em que ela errou, quais os

movimentos excetuados e de onde saiu a sua nota final: 9.375. Ainda, dá voz a Kiko, técnico de Daiane, quando este diz que a nota foi justa e não dá para reclamar. Zero Hora sai do campo subjetivo, atrelado aos sentimentos e derivações futuras do resultado de Daiane, para explicar tecnicamente este resultado. Discutiu o produto para depois falar do processo (final do solo). Título: “Três passos decisivos”. ZH abre mão de elementos sociossimbólicos por um pequeno instante, pois na página 09 volta a apresentar esses elementos.

A última página (9, 24/08/2004) referente à cobertura do resultado de Daiane dos Santos é remissiva à chamada que ZH fez no dia anterior. Estão em destaque três locais de Porto Alegre (cidade de Daiane) onde havia torcida por ela: a casa de sua mãe, O Grêmio Náutico União e o Mercado Público. Quanto ao primeiro, aparece o título: “Não esqueçam dela” (apelo da mãe de Daiane). Outro texto é “O Brasil parou para ver Daiane se apresentar”. A matéria tece comentários sobre o clube Grêmio Náutico União em Porto Alegre, onde Daiane começou, e sobre o Mercado Público (espaços onde havia telões). “Na casa de Daiane, em Porto Alegre e em todos os cantos do país (não faltou torcida)”. A matéria fala que o Brasil parou, porém a amostragem de ZH é de Porto Alegre em três lugares. Evidente que houve um grande interesse nacional em função da final, mas a generalização é feita de lugares próximos aos consumidores dos jornais e de Daiane.

Por fim, Zero Hora (página 10, 24/08/2004) encerra com uma matéria sobre o Mercado Público em Porto Alegre. Título: “Telão no Mercado Público atrai torcida”. Matéria: um “óóó” ecoou quando Daiane errou. Duzentas pessoas assistiam em um telão à apresentação de Daiane, entre elas o prefeito de Porto Alegre, João Verle. Segundo a matéria, as pessoas viraram técnicos, como no futebol. Todos palpitavam sobre a apresentação de Daiane. Assim que a espanhola obteve melhor nota que Daiane, a multidão começou a se dispersar. Poucos ficaram até o fim, admitiram a tristeza, mas dão força. “Não é decepção. Uma derrota não nos faz fracassados” – disse Elisete Colle, coordenadora da área do Mercado Público.

O Mercado Público representa um espaço público que daria ideia de pluralidade; além

disso, ZH compara os comentários das pessoas sobre a *performance* de Daiane ao futebol. Essa comparação é uma afirmação de um dos maiores traços identitários do brasileiro, o futebol e sua seleção nacional. Podemos destacar que, diferentemente do que acontece nos casos de derrota da seleção brasileira de futebol, quando todos procuram culpados e criticam a atuação dos jogadores, ZH preferiu a resignação. Descrição da foto: pessoas em frente ao telão (a foto foi tirada das costas das pessoas) assistindo às apresentações.

No dia seguinte à apresentação de Daiane, a Folha de São Paulo (Folha) foi diferente da ZH. A Folha deu voz a Daiane, reproduzindo suas falas nas entrevistas. Não houve nenhuma apologia à atleta, mas como ZH, a Folha foi remissiva ao que havia comentado no dia anterior. Nota-se que há uma “contaminação” entre os textos relativos ao dia anterior e os referentes ao dia seguinte à final do solo. São marcas do processo de produção que aparecem nos textos devido às preconfigurações das coberturas.

Na capa do jornal do dia 24 de agosto de 2004 a Folha publicou uma foto de Daiane à esquerda da página pisando fora do tablado durante a sua apresentação com uma árbitra ao fundo denotando, provavelmente, seu erro. A legenda diz: “Daiane, diante da juíza, pisa fora de limite do tablado”. Abaixo há um título sobre Daiane com uma pequena chamada para as páginas internas do caderno especial. Título: “Daiane dá passos em falso e fica em 5º lugar”. A matéria abaixo comenta que Daiane ficara em quinto lugar e que o ouro fora para a Romênia.

A Folha relativiza, dizendo que a colocação de Daiane é a melhor da ginástica brasileira em olimpíadas. Destaca que Daiane cometeu cinco erros e traz uma fala de Daiane: “Eu errei. É uma coisa que acontece”. Ainda comenta que a ginasta não sabe se ainda aguenta competir na próxima olimpíada e finaliza com uma chamada para as páginas internas.

O veículo mantém certo distanciamento em relação ao acontecimento. Não há relação contextual, mas sim, uma narração fria dos fatos. Alguns sentidos foram soltos nas páginas sem serem contextualizados, e até mesmo textualizados em forma de matéria pelo jornal. Como exemplo, podemos citar uma frase de

Ricardo Prado, na página 04 do caderno especial: “Claro que não gostei. É difícil ver a campeã do mundo não conseguir repetir sua melhor performance. Eu me identifico muito com ela. Em 1984, eu também carregava uma pressão imensa. Você não compete mais só por você, por seus objetivos. Você passa a competir pelos outros, pelo país todo”. – Ricardo Prado – ex-nadador, medalha de prata nos 400m medley em Los Angeles-1984, quando chegou ao torneio como a principal esperança da delegação.

Logicamente, essa frase “solta” tem uma intencionalidade do jornal, porém há um descomprometimento com a narrativa jornalística. Parece que a Folha tenta passar um tom sentimental, mas sem perder seu distanciamento em relação à cobertura.

Na capa do caderno especial Atenas 2004 (24 de agosto de 2004), a Folha ilustra o seguinte título: “Um país que sabe ganhar e que ontem aprendeu a perder”. O título foi conjugado com a foto de Daiane dos Santos. Acima da frase: um país que sabe ganhar, a Folha apresenta fotos de Emanuel e Ricardo (finalistas olímpicos), a equipe feminina de futebol (finalista) e Adriana Behar e Shelda (finalistas). Abaixo da frase, a foto de Daiane prostrada, com o complemento: “e que ontem aprendeu a”. A legenda da foto diz: “Daiane dos Santos pega as sapatilhas depois de completar a sequência que, marcada por cinco erros, lhe tirou as chances de medalhar no exercício de solo”. A palavra “PERDER” está abaixo da foto em letra maior que as demais, certamente fazendo referência a Daiane.

Importante destacar que, como a Folha no dia anterior havia apresentado o mapa político de uma possível vitória de Daiane, agora o jornal apresenta um país que perdeu, simbolicamente, não só o ouro, mas também os elementos referidos no dia anterior. Ainda na capa, a Folha apresenta as primeiras explicações. Título: “Sem lágrimas, apelos, nem lamentos, Daiane surpreendeu com um “Eu errei” ao se despedir de Atenas sem o pódio que o Brasil julgava certo”. Abaixo há uma matéria assinada por Roberto Dias, Edgard Alves e Guilherme Roseguini (enviados especiais) com colaboração de Paulo Sampaio – enviado especial. A matéria inicia destacando que

Daiane dos Santos não transferiu responsabilidades pelo seu resultado, assumiu seu erro dizendo que é esporte, erra-se às vezes.

Os jornalistas destacam que Daiane não confirmou seu favoritismo. Para estes, o fato de ela não transferir responsabilidades pela derrota é uma cena rara em um país acostumado a lamentos e justificativas. Eles seguem fazendo comparação da atuação de Daiane com o desempenho do Brasil, que no mesmo dia assegurou três pratas ao se classificar para duas finais do vôlei de praia e futebol feminino (fotos). Como o mapa da Folha era global, relacionado ao aspecto nacional, ele continua fazendo referência e comparações do país em relação aos resultados e ao comportamento de Daiane.

Há um reforço da matéria do dia anterior. Mesmo sem a medalha, ainda assim, Daiane é um símbolo, porém econômico. Na mesma matéria os jornalistas afirmaram que ela falou em mais treino e não em mais patrocínio, após a inesperada derrota. Daiane diz que não tem o que dizer, só treinar mais. “Eu queria mais de mim mesma. O vencedor é aquele que, quando perdeu, luta para um dia ganhar de novo”. O 5º lugar é a melhor colocação da história da ginástica artística brasileira em jogos olímpicos. Daiane comemorou por ter chegado à final e também ter homologado o duplo *twist* esticado, que ao ser executado nos Jogos, passou a configurar no código de notas, levando o nome de “Dos Santos”, valendo a maior nota.

Encerram os jornalistas: os feitos de Daiane são graças a uma nova realidade do esporte no país, que traz medalhas e demonstra maturidade como a de Daiane ao perder. A maturidade tratada pelos jornalistas é relativa à postura de Daiane ao assumir seus erros após o 5º lugar. Nada de choro de Daiane, também nada dramático por parte da cobertura da Folha. O referido jornal alinhou-se à postura de Daiane, ou seja, procurou destacar na cobertura elementos objetivos “como errei, perdi, vou treinar mais, e por isso não vou chorar”.

Um box (caixa de texto em destaque na página) junto à matéria apresenta o seguinte destaque: “No dia em que futebol e vôlei de praia alcançaram a final, ginasta perde o **passo** (destacado em negrito) e fica em 5º lugar”. Com relação ao box e à matéria, podemos entender

que, para a Folha, o país não errou, mas, sim, Daiane ao dar o passo em falso. Na capa do jornal são passos em falso. Não há uma corresponsabilidade pelo resultado, pois o país investiu em Daiane, segundo a Folha.

Na página quatro, caderno especial, a Folha apresenta o seguinte título: “Daiane arrisca seu melhor salto, sai do tablado e assume o ônus”. Linha de apoio: “Campeã mundial e favorita ao ouro, maior ginasta da história do país diz que a série da primeira fase lhe daria medalha e que a ansiedade lhe causou erro crucial”. Zero Hora apresentou uma foto de Daiane “protegida” pelo seu técnico, remetendo à ideia “vamos protegê-la”. A Folha ilustra uma foto de Daiane sentada sozinha, após a sua apresentação. São frames distintos aliados à linha discursiva dos dois jornais.

ZH “trouxe” Daiane para perto, deu voz a pessoas da aldeia que faziam ou fazem parte da vida dela; já a Folha objetiva o resultado político de sua vitória; credita a derrota à própria Daiane e a abandona após o resultado final. Legenda da foto: “Daiane dos Santos espera a divulgação de sua nota após sequência do solo”. Na página 5 (24/08/2004), a Folha ilustra uma foto de pessoas assistindo à prova de Daiane. A foto é impessoal, não faz referência a um local específico da cidade, nem dá voz aos “torcedores”. É apenas uma demonstração da mídia pela mídia. Legenda da foto: “Torcedores veem *performance* de Daiane em loja em São Paulo”.

A Folha afirma sua presença e sentença a resignação com o resultado, pois se os próprios brasileiros que estavam no ginásio não vaiaram a nota baixa de Daiane, os demais não deveriam reclamar (autoridade no discurso).

A Folha, ao contrário de ZH, não adjetiva Daiane como a “gauchinha voadora”, mas sim, como a brasileira. O referido jornal enquadra a narrativa dos fatos no contexto da prova, nas reações da plateia, nas personalidades esportivas presentes, nas reações de Daiane com o seu resultado, e mostra o mapa da prova, o mapa da derrota.

Ao lado da matéria apresentada acima, a Folha traz uma matéria sobre Memória, sob o título: “Rio Grande do Sul de Daiane foi pioneiro do esporte no país”. Os elementos regionais surgem na Folha através da produção

local. A matéria destaca que a ginástica chegou ao Brasil em 1824 pelo Rio Grande do Sul, trazida por imigrantes. O primeiro torneio foi em 1896, e mais tarde chegou a São Paulo e ao Rio de Janeiro, praticada por clubes da colônia alemã. Destaca, também, os resultados do Brasil nos Jogos Olímpicos na ginástica, com a escalada da ginástica a partir de 1999. Associa os bons resultados à chegada de Oleg Ostapenko (ascensão de Daiane, a primeira medalhista brasileira em mundiais e na Copa do Mundo de ginástica), culminando com título da atleta no Mundial de 2003. A matéria traz elementos históricos, referendando o importante papel dos gaúchos na modalidade.

Como em ZH, a Folha apresenta uma matéria sobre o futuro de Daiane dos Santos. Na página 4 do caderno especial a Folha apresenta o seguinte título: “Ginasta não sabe se “aguenta” chegar até 2008”.

Esse resultado, segundo os jornalistas, é um grande passo para quem foi descoberta há 10 anos em uma pracinha em Porto Alegre por uma professora, além de ser uma grande superação para quem sofreu três cirurgias. Aqui, a Folha exalta Daiane pela primeira vez e relativiza seu resultado. Busca o frame da história de vida de Daiane para afirmar suas conquistas pessoais.

Na página 5 do mesmo dia a Folha mostra o “mapa” da derrota de Daiane, descrevendo com fotos os erros da ginasta na final, com o desconto na pontuação. Elementos técnicos são elucidados. Ao lado das fotos há uma matéria que comenta que cada perda de equilíbrio na apresentação acarreta 0,05 a menos na nota final. Faz uma descrição minuciosa das etapas a serem avaliadas na série e comenta que o duplo *twist* esticado de Daiane rende 0,3 a mais na nota. Finaliza destacando que os erros por ela cometidos, como dar um passo para fora do tablado, significa 0,1 a menos na média final. Título: “Juiz desconta ao menos 0,05 por perda de equilíbrio”.

A Folha, em sua cobertura pós-final do solo, mantém um distanciamento de aspectos subjetivos em relação a Daiane. Ela é apresentada no jornal como um produto nacional que pode, ou poderia, ter dado certo. O jornal apresenta o que o País perdeu e os motivos da perda, além de dar voz a Daiane. Não há marcas identitárias no texto da Folha. Em alguns

momentos o jornal refere-se à ginasta como brasileira, mas em grande parte a chama pelo seu nome. Importante referendar que Daiane perde o ouro, não é ovacionada nem protegida pela Folha, embora ela tenha passado por uma cirurgia de joelho pouco tempo antes da disputa olímpica. Seu “drama” não foi eleito como frame no agendamento da final, pois ela recuperou-se rápido e, em seguida, voltou a ser favorita à conquista do ouro.

Já no dia 25 de agosto (página 8), a Folha apresenta um *box* com a informação de que o dia de apresentação de Daiane foi o que trouxe maior público para o esporte em Atenas, com 12.413 pessoas, sendo que a capacidade máxima era de 12.402. Faz um comparativo com a final individual geral do feminino, considerada a maior prova da modalidade, que vendeu 9.081 ingressos.

Em contrapartida, no mesmo dia, ZH reserva toda a página 6 do caderno especial para cobrir os últimos momentos de Daiane em Atenas. Título: “É chato **ser ídolo**” Linha de apoio: “Um dia depois de ficar sem medalha em Atenas, Daiane pede paz e descanso”. Abaixo, uma foto de Daiane com uma mochila nas costas, tênis nas mãos, dando entrevista para jornalistas. Legenda: Assediada a todo instante pela mídia, a gaúcha sonha em voltar a ter uma vida “normal”.

Em matéria assinada (página 06, 25/08/2004) por Mário Marcos de Souza, ZH destaca que não são apenas as dores, treinamentos e pressão pelas vitórias que têm feito a ginasta gaúcha repensar sua vida. Daiane diz: “É meio chato ser ídolo”. Mário classifica essas palavras como desabafo de Daiane e acrescenta que ela falou com naturalidade do peso de ser popular. Relata o jornalista que Daiane voltou ao lugar onde tinha perdido a chance de ganhar uma inédita medalha de ouro, de tênis, camiseta amarela e calção azul. Viu a festa de despedida da ginástica e as apresentações dos medalhistas, e acompanhou a exibição de Catalina Ponor, que não pisou fora do tablado como ela na final, e levou o ouro.

Ainda em vinte e cinco de agosto (página 7), Zero Hora dá destaque ao fenômeno de audiência que foi a final da prova de Daiane dos Santos nos Jogos Olímpicos de Atenas, não somente em Porto Alegre, mas também no Rio de Janeiro. Os jornalistas Mário Marcos de

Souza e Júlio Cordeiro destacam que antes de Daiane só o futebol seria capaz de reunir multidões à frente da TV. Finalizam ressaltando que uma Daiane significa a valorização de um esporte como a ginástica. Juntamente com o título da matéria: “Fenômeno de audiência”, é destaque uma foto de brasileiros presentes no Indoor Hall em Atenas torcendo por Daiane.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Daiane dos Santos é uma oferta de sentidos. Fez de seus saltos e malabarismos a alegria de seus familiares e ganhou grande notoriedade nacional. Os demais brasileiros sentem-se contemplados pelo veio da representatividade, a qual propicia um universo simbólico que legitima seu fazer. O imaginário coletivo constitui-se de um universo vasto de formas simbólicas de representação.

A ação individual de Daiane dos Santos, através de seus carpados, frutifica em fatos sociais de valor coletivo, inextricável com a história de vida de muitos brasileiros. Daiane, como todos nós, é produtora de fatos sociais ora cerceados a nossos fazeres individuais, ora implicados com um grande grupo de pessoas. Esses fatos não corriqueiros para nós, brasileiros, pela própria complexidade das manobras da “baixinha”, como também pelo esporte em questão. Culturalmente percebe-se que a ginástica artística não faz parte do rol de esportes preferidos das mídias, sendo reconfigurado até o surgimento de Daiane. Em relação a coberturas televisivas, um estudo realizado por Lisboa, Mezzaroba e Munarim (2009) revela que apenas 6,20% das matérias veiculadas no Jornal Nacional durante os Jogos Pan-americanos Rio 2007 retratavam a ginástica.

Os amigos da escola, a família, os treinadores, os colegas de ginástica, os amigos dos amigos, todos falam de Daiane, todos significam a ginástica artística pela brasileira negra da periferia de Porto Alegre. A menina pobre salta na vida, produz fatos ímpares até então. Sua posição social (a pobreza e sua cor de pele são elementos que referendam suas dificuldades) e os resultados anteriores nacionalmente a promovem como futura promessa. Enfim, ela merece a atenção da mídia. Não a atenção da simples veiculação, mas sim,

de coberturas densas que mostrem as suas conquistas e trajetórias no esporte e na vida. Surge, então, a discursividade da mídia sobre os acontecimentos relativos a Daiane. A construção da notícia a seu respeito passa a ter inúmeras fontes. Que venha o acontecimento midiático! Que venha a atleta midiática!

Nada é produzido na mídia pela simples evidência dos fatos. Para que esses fatos se transformem em acontecimentos midiáticos é necessário um grande operador de sentidos. O discurso midiático presta-se a tornar acontecimento midiático as práticas sociais afeitas a serem midiáticas. A continuidade da oferta de sentidos, a disponibilidade ao campo dos *media*, os resultados conquistados em grandes eventos esportivos de visibilidade pública global, a possibilidade de outras conquistas, enfim, tudo converge para transformar a negra Daiane dos Santos em midiática.

As estratégias das mídias para transformar em discurso as ações sociais são deflagradas por peculiaridades que são ofertadas pelas próprias ações dos sujeitos. Um processo de agendamento/tematização precisa de uma processualidade, de uma continuidade de ações dos campos sociais para que a produção midiática efetue o enquadramento desses acontecimentos a partir de suas lógicas. O campo esportivo oferece ao campo das mídias essa continuidade. A cada quatro anos temos Jogos Olímpicos, neste entremeio temos os Jogos Pan-Americanos, etapas de Copa do Mundo das mais variadas modalidades esportivas, enfim, o campo esportivo pulsa ininterruptamente e, conseqüentemente, oferta-se ao campo midiático.

Acontecimentos segundos (meta-acontecimentos) ocorrem em função do próprio discurso midiático sobre os acontecimentos. Os frames são construídos alinhados a meta-acontecimentos que são inscritos na ordem do discurso. Para Rodrigues (1999), essa prática configura-se na ordem da visibilidade simbólica de representação cênica. Daiane é favorita ao ouro Olímpico, porém quanto representa este favoritismo dependerá dos enquadramentos, da construção de mapas de significado via campo das mídias. A notoriedade do discurso

midiático acelera ou desacelera o imaginário coletivo acerca da conquista do ouro por Daiane.

Em vários momentos da cobertura os jornais analisados aguçaram o imaginário coletivo, que representa, para Castoriadis (1982), que tudo o que se nos apresenta no mundo social e histórico está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico. Não que se esgote nele. Os atos reais, individuais ou coletivos – o trabalho, o consumo a guerra, o amor, a naturalidade – os inumeráveis produtos materiais sem os quais nenhuma sociedade poderia viver um só momento, não são sempre diretamente símbolos, mas uns e outros são impossíveis fora de uma rede simbólica. Dessa forma, os jornais constroem frames que indicavam a conquista do ouro e também desaceleraram ao relatar em suas coberturas outros elementos constitutivos do campo esportivo que relativizavam a tão “certa” conquista. A oferta de Daiane como campeã do mundo de ginástica foi vastamente reiterada durante a cobertura dos jornais, ao passo que, quanto mais próxima a final, mais elementos relativos a adversárias vinham à baila na cobertura.

A mídia é um importante operador das lógicas de identidade cultural pelo discurso. Jacks (1999) propõe que a identidade cultural desempenha um papel fundamental na interação entre os sujeitos e a realidade circundante, mediando os processos de produção e de apropriação de bens culturais. ZH, além de reafirmar elementos de representação que simbolicamente constituem a identidade cultural, didaticamente tematizou a modalidade ginástica artística, especificamente a ginástica de solo, prova de Daiane. A partir do discurso midiático sobre o seu favoritismo, temos a midiatização, que se configura como uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, Sodré (2002) remete-se a um sentido particular de interação – “tecnointeração”-, caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *medium*. Logo, o resultado da atleta brasileira passa a ser construído a partir

dos frames de cada jornal. ZH e Folha operam simbolicamente a atleta dentro de suas lógicas locais e globais.

Nesse encaminhamento, afirma-se que a natureza espetacular do esporte faz dele um importante deflagrador do imaginário social coletivo. Na definição desse aspecto, a mídia estabelece uma reorganização do espetacular no caso do jornal, através de seu discurso. A forma como ZH e Folha veicularam suas fotos em relação a Daiane dos Santos representa o espetacular midiático, tanto na ordem da ação de Daiane como na ordem do discurso das mídias. Debord (1997) afirma que espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens (p. 14). Acrescentaríamos à fala de Debord a midiática, sendo esta a responsável pela reconfiguração dos acontecimentos esportivos em midiáticos e, por conseguinte, disseminados no tecido social.

A discursividade sobre a espetacularização realizada pelos jornais de referência foi recontextualizada para a lógica discursiva das mídias. A televisão veiculou inúmeras matérias acerca de Daiane, o que auxiliou na própria construção do discurso espetacular, ao deflagrar o processo de tematização estabelecido na cobertura de Daiane correlacionando-o com o veiculado via jornais. A linguagem televisiva associada à cobertura depois de esta ter ocorrido no jornal propicia o discurso social midiático. Todos falam sobre as disputas olímpicas, a participação brasileira e, logicamente, sobre Daiane dos Santos.

A própria teoria do agendamento deixa claro que as mídias não determinam como pensar, mas sim, o que pensar (TRAQUINA, 1999). Neste sentido, Daiane passa a fazer parte das conversas de bar, da escola, do trabalho - enfim, a participação da “gauchinha de ouro” nos Jogos Olímpicos recebe a atenção dos brasileiros. Nesses termos, a ação social dos sujeitos passa a ser produtora de fatos sociais em nossa cadeia interpretativa, porém com enquadramentos de outros campos sociais.

Elementos sociossimbólicos escolhidos na cobertura dos jornais, bem como aspectos

relativos à *performance* da atleta, são interpretados de diversas maneiras pelos sujeitos. O alinhamento mental entre o que é veiculado e o modo como os sujeitos interpretam efetivamente a notícia é da ordem do subjetivo. O frame estabelecido pelos veículos acerca da notícia tenta proporcionar um alinhamento mental, trazendo o discurso para a ordem do significado dos sujeitos.

Doravante, entendemos que o veiculado pelas mídias e transformado em discurso social midiático terá implicações na construção de novos fatos sociais. O consumo é algo que representa esta proposição. Por mais que não falemos aqui em bens de consumo duráveis, mas sim, em bens simbólicos, as mídias estruturam seu discurso dentro de uma lógica de mercado em função de seus públicos consumidores, que têm necessidades específicas. Assim, ZH enquadra Daiane dentro de suas lógicas editoriais e de mercado. Os gaúchos historicamente constituem-se de elementos sociossimbólicos como o Hino Rio-Grandense, o chimarrão, a indumentária, a própria linguagem. Por esta especificidade cultural, ZH produz para seu mercado alinhado de antemão às coberturas através de frames que possam ser reconhecidos dentro dessa estrutura cultural nomeada acima.

A reverberação das práticas sociais dos gaúchos estende-se para a cobertura sobre Daiane, que nada mais é do que a “gauchinha de ouro”. Já a Folha de São Paulo, estrategicamente tenta e assim deseja configurar-se como um jornal internacional, e sendo assim, procura enquadrar a atleta brasileira dentro de uma lógica expressa em números, objetiva e linear. Daiane torna-se simbolicamente o discurso do mercado de capitais, que não se interessa pela fome no mundo, pelo desemprego, mas sim, preocupa-se expressamente com o rendimento. A “máquina” precisa funcionar engrenada. Um discurso contextual relativo à identidade cultural em relação à Folha de São Paulo seria inviável pela proposta mercadológica estabelecida por esse veículo: a gauchinha de ouro ou o sucesso mercadológico - assim se faz a construção midiática de Daiane dos Santos como “apenas” uma atleta.

MEDIATIC CONSTRUCTION OF DAIANE DOS SANTOS AT THE ATHENS 2004 OLYMPIC GAMES
ABSTRACT

The picture of a poor, black girl who is a gymnastics world champion is offered to media. Daiane dos Santos, Brazilian and mediatic by way of the result in the field of sports, qualifies to Athens 2004 Olympic Games as a strong favorite to win the Olympic gold. The gold didn't come and the "golden gauchinha"¹ was contextualized again through different maps of meaning on Zero Hora and Folha de São Paulo newspapers. These differences are the standpoint of this text evidencing the framings of these two media considering regional and national singularities.

Keywords: Sport. Media. Gymnastics.

REFERÊNCIAS

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GASTALDO, É. L. Irving Goffman, antropólogo da comunicação. In: GASTALDO, É. L. (Org.). **Irving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tomo, 2004. p. 111-124.

HALL, S. et. al. A produção social das notícias: O 'Mugging' nos Media". In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-248.

HALL, S. et. al. **O poder do jornalismo: análise de textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

JACKS, N. **Querência: cultura regional como mediação simbólica: um estudo de recepção**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

LISBOA, M. M.; MEZZARROBA, C.; MUNARIM, I. Jogos Pan-americanos Rio/2007 e a cobertura do Jornal Nacional: ênfases e representações veiculadas. In: PIRES, G. D. L. (Org.). **"Observando" o Pan RIO/2007 na mídia**. Florianópolis: Ed. Tribo da Ilha, 2009. Disponível em:

<<http://www.cedes.ufsc.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/228/observandoPanRio2007.pdf?sequence=1>>.

Acesso em: 10 set. 2010.

MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento ou a fato em questão. In: PORTO, S. D. (Org.). **O Jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília, DF: Ed. da UNB, 2002.

NARRANDO o fracasso: a locução esportiva na decisão da Copa de 1998. Campo Grande: Intercom, 2001.

RODRIGUES, A. D. O acontecimento. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1999. p. 27-33.

SANFELICE, G. R.; CARVALHO, S. **Características e valores veiculados em Programas esportivos de televisão**. Relatório de pesquisa CNPQ/PIBIC, 2000.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1999.

Jornais

Folha de São Paulo, São Paulo, 24 e 25 de ago. 2004.

Zero Hora, Porto Alegre, 24 e 25 de ago. 2004.

Recebido em 28/04/2010

Revisado em 01/08/2010

Aceito em 21/11/2010

Endereço para correspondência: Gustavo Roese Sanfelice. Rua Carlos Gomes, número 231, apto 1002, CEP: 93315-040, Novo Hamburgo-RS. E-mail: sanfeliceg@hotmail.com.br

¹ This is how Brazilian people call a young woman born in the State of Rio Grande do Sul.